



BJÖRK GUDMUNDSDOTTIR
especial para "Dazed and
Confused"

Fiz escola de música a partir dos cinco anos de idade e depois, aos 12 ou 13 anos, comecei a curtir musicologia. Um compositor e professor islandês da escola me apresentou a Stockhausen.

Na escola, eu era do contra; era a garota diferente de todos. Eu tinha uma verdadeira paixão pela música, mas era contra toda essa baboseira retrô de ouvir Beethoven e Bach constantemente. Esse sentimento se devia principalmente à frustração com a obsessão que a escola tinha com o passado.

Quando fui apresentada a Stockhausen, foi como se dissesse "aaah!". Finalmente encontrara alguém que falava minha língua.

Stockhausen disse coisas como:

"Devemos ouvir a música 'velha' um dia por ano e nos outros 364 dias devemos ouvir música de 'agora'. E devemos fazê-lo do mesmo modo que olhamos álbuns de fotos de quando éramos crianças. Se você passa tempo demais olhando álbuns antigos, eles perdem o sentido. Você começa a envolver-se demais com uma coisa que não interessa e deixa de pensar no presente".

Era assim que ele enxergava todas aquelas pessoas obcecadas com a música antiga.

Para uma criança da minha geração, e que tinha 12 anos na época, era brilhante, porque, ao mesmo tempo em que o descobria, eu também estava sendo apresentada à música eletrônica de bandas como Kraftwerk e DAF.

Acho que, quando o assunto é música eletrônica e música atonal, Stockhausen é o melhor. Ele foi a primeira pessoa a fazer música eletrônica, antes mesmo da invenção do sintetizador.

Gosto de compará-lo a Picasso, porque, como o pintor espanhol, Stockhausen já teve vários períodos. Muitos e muitos músicos chegaram a fazer uma carreira inteira com base em apenas um de seus períodos.

Stockhausen vai um passo adiante, descobre algo que nunca havia sido feito antes, musicalmente, e, antes de as outras pessoas terem começado a entendê-lo, já avançou para a coisa seguinte.

Como todos os gênios científicos, Karlheinz Stockhausen parece ser obcecado pelo casamento do mistério com a ciência, apesar de serem opostos. Os cientistas normais são obcecados pelos fatos; os cientistas geniais são obcecados pelo mistério.

Quanto mais Stockhausen descobre sobre o som, mais ele constata que não sabe nada, que está perdido.

Stockhausen me contou sobre a casa que construiu na floresta e na qual morou por dez anos.

É feita de pedaços hexagonais de vidro e nenhum de seus cômodos é igual ao outro — todos são irregulares. É construída em ângulos que refletem a luz, e é repleta de luzes em spot. A floresta é espedhada dentro da casa.

Ele me explicou que, mesmo depois de viver dez anos na casa, ainda havia momentos em que não sabia onde estava — e ele me disse isso com uma expressão de maravilhamento nos olhos. E eu disse: "É brilhante. Você pode ser inocente até mesmo na sua casa".

Ele respondeu: "Não apenas inocente, mas também curioso".

Ele tem um grande senso de humor.

Björk Gudmundsdottir, 31, é cantora e compositora; foi vocalista da banda islandesa Sugarcubes entre 1988 e 1990, com a qual gravou três álbuns; em 1977 e 1990, gravou dois discos solo, em que misturava músicas tradicionais islandesas e jazz; com "Debut" (1993) e "Post" (1995) tornou-se uma das mais celebradas artistas da música pop da atualidade. Em novembro do ano passado, apresentou-se no Brasil, no Free Jazz Festival.

Leia abaixo a entrevista de Björk com o compositor Karlheinz Stockhausen.

Björk encontra Stockhausen

BJÖRK GUDMUNDSDOTTIR
especial para "Dazed and Confused"

Björk Gudmundsdottir - A impressão que tenho é que a música eletrônica que o sr. faz é como sua voz, suas outras peças são menos pessoais. O sr. sente isso?

Karlheinz Stockhausen - Sim, porque muitas das coisas que faço soam como um mundo muito estranho. Então, o conceito de "pessoal" se torna irrelevante. Não é importante, porque é uma coisa que não conhecemos, mas eu gosto disso.

Björk - A impressão que tenho é que o sr. simplesmente estica suas antenas e que isso é como sua voz, seu ponto de vista, vista de fora. Ou alguma coisa assim... (pausa) Não consigo explicar direito.

Stockhausen - Eu também não. O mais importante é que não é como um mundo pessoal, é algo que todos nós desconhecemos. Precisamos estudá-lo, vivenciá-lo. Se conseguimos captar alguma coisa, teremos tido sorte.

Björk - Tenho um problema: a música mexe muito comigo. Entro em êxtase porque sinto que não tenho tempo de fazer tudo. Isso preocupa o sr.?

Stockhausen - Sim e não. Já aprendi que mesmo meus primeiros rabalhos, feitos há 46 anos, ainda não são compreendidos pela maioria das pessoas. Então, é um processo natural: se você encontra algo que lhe surpreende, é ainda mais difícil para outras pessoas incorporar essa coisa em seu ser. Às vezes, levaria 200 anos para um grupo grande de pessoas, digamos, ou té mesmo para indivíduos, atingir o mesmo estágio que eu atingi depois de passar, por exemplo, três anos num estúdio, durante do horas por dia, para criar uma coisa. Você precisa de tanto tempo para ouvir a coisa quanto eu precisei para criá-la. Isso, sem nem mesmo falar em compreender o que ela significa. Assim, é um processo natural que certos músicos criem algo que precisa de muito tempo para ser ouvido muitas, muitas vezes, e isso é muito bom.

Björk - Talvez eu seja muito impaciente. É difícil para mim.

Stockhausen - 80 ou 90 anos não são nada. Existem muitas peças musicais muito belas do passado que a maioria das pessoas vivas hojejamais vai chegar a ouvir. Essas peças são extraordinariamente preciosas, repletas de mistério, de

inteligência e espírito inovador. Estou pensando em determinadas obras de Johann Sebastian Bach ou, até mesmo, de compositores anteriores. Há tantas composições fantásticas, feitas há 500 ou 600 anos, que nem sequer são conhecidas pela maioria dos seres humanos. Vai levar muito tempo, portanto. Há bilhões de coisas preciosas no universo que não temos tempo para estudar.

Björk - O sr. acha que seu impulso primordial é mostrar e gravar as coisas que existem aí fora — provar que elas existem, como se fosse por razões científicas, apenas — ou é algo mais emocional, um desejo de criar uma desculpa para que todos se unam? Para que alguma coisa aconteça, talvez, possibilitada por sua música?

Stockhausen - Sou como um caçador tentando encontrar alguma coisa, e, ao mesmo tempo, há esse aspecto científico, o tentar desco-

brir. Por outro lado, sempre fico em estado de alta tensão emocional quando chega o momento em que tenho que agir com as pontas dos dedos, com minhas mãos e meus ouvidos, para mover o som, para modelar o som. É nesse momento que não consigo separar o pensar e o agir com meus sentidos: ambos são igualmente importantes para mim. Mas o investimento total acontece em ambos os estados: se sou mais um pensador ou mais um ator, se estou totalmente envolvido ou se não me envolvo.

Björk - Antigamente, eu viajava por aí com um gravador e uma bolsa cheia de fitas e procurava encontrar a canção certa. Eu não me importava com que canção fosse, desde que conseguisse unir todos que estivessem presentes. Mas isso, às vezes, é um truque barato, sabe? Eu me lembro de ter lido, certa vez, que uma das razões pelas quais o sr. não gosta de ritmos

regulares é por causa da guerra.

Stockhausen - Não, não, isso...

Björk - É um mal-entendido?

Stockhausen - Acho que sim. Quando eu danço, gosto que seja ao som de uma música regular. Sincopada, naturalmente. Não deve ser sempre como uma máquina. Mas, quando componho, muito raramente utilizo ritmos periódicos e, quando o faço, é apenas num estágio intermediário, porque acho que existe uma evolução na linguagem da música na Europa, que leva de ritmos periódicos muito simples a ritmos cada vez mais irregulares. Então, tomo cuidado com a música que enfatiza esse tipo de periodicidade minimalista, porque ela traz à tona os sentimentos e impulsos mais básicos de cada pessoa. Quando digo "básico", refiro-me ao físico. Mas não somos apenas um corpo que anda, que corre, que faz movimentos sexuais, que tem um ritmo cardíaco de aproximadamente 71 batidas por minuto num corpo saudável, ou que tem determinados impulsos cerebrais. Somos todo um sistema de ritmo periódico. Mas, já no interior do corpo, existem muitas periodicidades sobrepostas, desde as muito rápidas até as muito lentas. A respiração, em situações de calma, dá-se a cada seis ou sete segundos. Existe uma periodicidade. E todas estas coisas juntas constroem uma música muito polimérica no corpo, mas, quando faço a música artística, faço parte da evolução toda, e também me envolvo numa busca constante por uma diferenciação cada vez maior, também na forma.

Björk - Só porque é mais honesto, é mais real?

Stockhausen - Sim, mas o que a maioria das pessoas gosta é a batida regular, que, hoje em dia, chega a fazer com uma máquina na música pop. Acho que devemos procurar fazer uma música que seja um pouco mais... flexível, por assim dizer, um pouco mais irregular. A irregularidade é um desafio, você entende. Até que ponto podemos tornar a música irregular? Apenas em termos de um pequeno momento em que tudo cai na sincronia, e depois parte outra vez em metros e ritmos diferentes. Mas é assim que a história tem sido, em todo caso.

Björk - Acho que na música pop atual as pessoas estão tentando se conciliar com o fato de que estão convivendo com todas essas má-

A EXPLOÇÃO DAS BPMs

A cantora e compositora islandesa, a estrela mais cultuada da nova geração tecno, entrevista o fundador da música eletrônica



Rochele Costi/Folha Imagem

A cantora e compositora Björk, que se apresentou no Brasil em 1996

quinas. Estão tentando combinar máquinas e humanos e uni-los num casamento feliz — tentando enxergar isso com otimismo. Fui criada por uma mãe que acreditava piamente na natureza e queria que ficasse descalça 24h por dia e assim por diante, então cresci com um grande complexo de culpa em relação aos carros e arranha-céus. Fui ensinada a odiá-los, e, por isso, acho que estou mais ou menos no meio, por assim dizer. Vejo essa geração que é dez anos mais jovem do que eu fazendo música e tentando conviver com tudo isso. Mas tudo tem a ver com aqueles ritmos regulares, com aprender a gostar deles, mas manter-se humano, conservar sua característica orgânica e imperfeita.

Stockhausen - Mas os ritmos regulares sempre são a base da estrutura, em todas as culturas. Foi apenas muito recentemente que se começou a fazer um ritmo mais complexo, portanto não acredito que tenham sido as máquinas que trouxeram a irregularidade.

Björk - Acho que o que me faz mais feliz é seu otimismo, especialmente em relação ao futuro. E acho que também estou falando de minha geração. Nos ensinaram que o mundo está se escoando pelo ralo e que vamos todos morrer em breve, então, encontrar alguém tão otimista quanto o sr. é muito especial. Muitos jovens ficam fascinados com o que o sr. está fazendo. O sr. acha que seu fascínio se deve a esse otimismo?

Stockhausen - Também comprando que as obras que compus fornecem muitos subsídios para estudo, aprendizado e vivências. Especialmente para as pessoas se conhecerem, e isso lhes dá confiança, elas percebem que ainda há muito a ser feito.

Björk - O sr. acha que é nosso dever impelir tudo até o limite, usar nossa inteligência o tempo todo e experimentar tudo, especialmente se for difícil, ou acha que é mais uma questão de seguir os instintos, deixando de lado o que não desperta nosso entusiasmo?

Stockhausen - Neste momento estou pensando em meus filhos.

Tenho seis filhos e todos são bem diferentes. Um deles é trompetista, mas, em dado momento, quis ser um professor espiritual. Queria ser professor de ioga e ajudar outras pessoas que precisavam acreditar num mundo melhor. Mas, depois, eu disse a ele que já há pregadores suficientes no mundo e o aconselhei a ficar com seu trompete. Ele levou alguns anos até voltar ao trompete e parece estar concentrado, deixando de lado a maioria das coisas que seriam possibilidades para ele. Eu poderia ter sido professor, arquiteto, filósofo, professor em só Deus sabe quais entre muitas faculdades diferentes. Trabalhei como empregado agrícola por muito tempo. Trabalhei numa fábrica de automóveis por algum tempo e também gostava desse trabalho. Quando eu estava fazendo doutorado e estudando piano, eu estudava 4 a 5 horas por dia. Eu tocava num bar todas as noites para ganhar a vida, mas desde que compus minha primeira peça, que senti ter um som muito diferente de tudo que eu conhecia, passei a me concentrar na composição e deixei de lado quase tudo o que o mundo tem a me oferecer, outras faculdades, outros modos de vida, as coisas instigantes de várias espécies, as diversões de todos os tipos. Venho realmente me concentrando, dia e noite, nesse aspecto único e restrito que é compor, tocar e corrigir minhas partituras, além de editá-las. E tem sido o caminho correto para mim. Não posso oferecer conselhos gerais, porque se não ouvimos aquele chamado interior, não fazemos as coisas. É preciso ouvir aquele chamado e aí você não terá mais dúvidas.

Björk - Sim, é só assim que se pode avançar mais longe.

Stockhausen - Não sei. Acho que não conseguiria realizar nada que faz sentido para mim mesmo se eu não me concentrasse inteiramente numa única coisa. Então acabo perdendo muito do que a vida tem a oferecer.

Tradução de Clara Allain.

Leia sobre a revista "Dazed and Confused", da qual foi extraída esta entrevista, à pág. 5-14.